

RELATO DE CERTO OCIDENTE: NEW YORK E O PÓS-DOCTORADO COM DAVID HARVEY¹.

Tatiana Schor*

Resumo

Este texto apresenta na forma de uma carta um relato do pós-doutorado, com bolsa do CNPq, realizado City University New York – CUNY sob orientação do professor David Harvey no período de 2009-2010. Ao misturar experiências pessoais e reflexões teóricas reflete sobre a obra de Harvey e suas derivações para o pensamento geográfico contemporâneo.

Palavras-chave: intercâmbio, pós-doutorado, CUNY, David Harvey, Amazônia.

Notes on a certain West: New York and a sabbatical with David Harvey.

Abstract

This paper presents some notes in the format of a letter of a sabbatical period (2009-2010), with a scholarship of CNPq, at the City University of New York – CUNY with David Harvey. Mixing personal experiences and theoretical thoughts analysis David Harvey's works and possible derivations for the contemporary geographical thought.

Key-Word: exchange, sabbatical, CUNY, David Harvey, Amazônia.

(escrevo este relato na forma de carta para a minha querida Odette Seabra, pois há quase dez anos tenho o hábito de escrever meus relatos de campo na forma de carta para ela e quando comecei a escrever este a minha interlocutora foi ela.)

Querida Odette,

Ao sentar para escrever o Relatório Técnico da Bolsa de Pós-Doutorado¹ que tive no período de junho de 2009 a julho de 2010 comecei a rever o ano que se passou e o quanto este ano foi importante não só em termos objetivos, mas

principalmente como formação do indivíduo academicamente e intelectualmente. No ato de começar a organizar minhas idéias comecei, como é de costume, a dialogar contigo. Lembrei que logo no início da temporada comprei um caderninho da Molesquin, bem bonitinho, e comecei a te escrever, fazer meus diários de campo como se fossem cartas para ti. É um hábito, certo? Já tens o de Roraima e o da Tunísia e terias o de Nova Iorque. Mas, o ano e dois meses que fiquei por lá foram muito mais que um campo, uma viagem e acabei não conseguindo manter o diário. Daí no momento que começo a organizar o Relatório para o CNPq me encontro imersa em uma necessidade quase que impulsiva de escrever uma carta para ti. Por isso resolvi escrever este longo ensaio ou relatório na

*Professora Adjunto no Departamento de Geografia da Universidade Federal do Amazonas. Programa de Pós-Graduação em Geografia - UFAM. Pesquisadora do NEPECAB. E-mail: tschor@ufam.edu.br

forma de um relato.

Começo do início. Cheguei em NY em junho, mês quente e chuvoso, o que para uma pessoa vinda de Manaus não causou estranheza nenhuma. Vim com uma parte de minha família, com o Zé e a Joana de dois anos, e aguardava a chegada dos outros dois filhos, o Raul de dez e o Gabriel de dezessete. Ficamos na casa do colega do Zé, também pesquisador de peixe-elétrico, solteiro que mora no Brooklyn. Foi muito gentil da parte dele pois invadimos a sua casa de um quarto só ocupando a cama e o sofá. Como um bom novo iorquino ele nunca cozinha em casa, por isso não tem panelas, é a vida do "delivery". A Joana, que gosta de feijão com farinha, se atrapalhou com a alimentação do estilo "china-in-the-box". Como não havia como cozinhar feijão, afinal só tinha uma frigideira, fui ao supermercado comprar feijão enlatado. Começa as longas aventuras nos supermercados americanos, excesso de coisas que demora tempos para aprendermos. A primeira lata de feijão que comprei era de feijão doce!! Tipo mexicano! Claro que minha caboclinha torceu o nariz e não comeu. Fomos então a outro super, considerado alternativo, enorme. Ficamos tontos com tantos corredores com tantas opções. Quando vi o filme "Hurt Locker" no qual o soldado que volta da guerra e vai o supermercado com a família tem uma crise no corredor dos sucrilhos, me reconheço no meu desespero: parar na frente de uma longa fileira de algo e simplesmente não saber qual levar, passar minutos lendo as bulas buscando algo que fosse reconhecível.

Precisávamos alugar um apartamento/casa, arrumar escola e se ajeitar para começar os trabalhos. Aproveitei que o David Harvey estaria fora por 20 dias, dando um curso na Alemanhã, para corrermos para resolvermos as questões cotidianas e começarmos a vidinha Nova Iorquina. Havia várias questões.

Primeiro, a escola do Raul, pois as escolas públicas do ensino fundamental em NY garantem vagas para quem mora no distrito delas, o que implica que precisaríamos achar primeiro uma escola ou escolas e a partir daí procurar casa. Entro de cabeça no Departamento de Educação da cidade de NY, converso com assistentes sociais, o menino não fala inglês, procuro na internet as

avaliações oficiais e a dos pais. Conseguimos depois de alguns dias mapear e criar um polígono dos distritos escolares (veja como estou cada vez mais "geográfica") que poderíamos procurar casa. Uma parte do Brooklyn parecia uma boa opção. Além de ter áreas com boas escolas os poucos colegas que conhecíamos moravam por lá, afinal morar em Manhattan é proibitivo.

A crise econômica, em especial a imobiliária, nos ajudou de início, pois havia vários aluguéis os quais não precisaríamos pagar "brookers fee" (taxa da imobiliária) que normalmente equivale a um aluguel. Começamos a busca por imobiliárias e pela internet. Na internet um site foi indicado que se chama Craigslist, no qual as pessoas anunciam de tudo, inclusive casas para alugar. Começamos a busca.

O Zé visitou várias opções enquanto eu mantinha minha pequena entretida nos parquinhos da cidade. Os dias de parquinho foram uma experiência única. NY é uma cidade cosmopolita, isso é fava contada, mas experienciar este cosmopolitismo na arena que os parquinhos criam é outra totalmente diferente. Existe uma segregação social, étnica e de classe que impressiona. Basicamente os diversos grupos de babás (afro-americanas/haitianas/hispânicas/tailandesas/brasileiras) ficam em lugares separados formando pequenos grupos nos cantos dos parques. As americanas brancas, mães mais velhas, ficam com seus filhos em outro canto e as *babuskas* russas (avós) conversam sem parar andando atrás de seus netinhos americanos. Escuta-se todas as línguas e o colorido das roupas étnicas transforma o que poderia ser dias tediosos em um espetáculo. Fiquei fascinada com este ambiente.

Por fim conseguimos, via Craigslist, uma casa, mobiliada, perto do Prospect Park no Brooklyn, meia quadra do metrô que me levaria ao Graduate Center, onde meu pequeno escritório estaria localizado. A dona da casa é uma diretora de cinema, sobrinha do Alan Parkula que fez o famoso filme *Todos os Homens do Presidente*. A casa dela é uma maravilhosa biblioteca cinematográfica com uma interessante coleção de DVD's e CD's (ela tem uma coleção com mais de 50 CD's do Bob Dylan!). Ela precisaria alugar a casa mobiliada por um ano e não queria mover os livros – perfeito para nós.

Alugamos e começamos uma interessante amizade com ela e com seus livros e discos.



Figura 1 - Ponte do Brooklyn – primeira ponte que liga o bairro do Brooklyn a Manhattan – teve uma importância enorme no desenvolvimento industrial da cidade. Outubro 2009.

Matriculamos o Raul na escola do bairro totalmente diversa etnicamente – 30% Hispânicos; 30% Bengali e o restante de americanos, russos, chineses e o Raul como único brasileiro! De início queriam colocar o Raul em um programa bilíngue Inglês-Espanhol, mas depois de explicar para a secretaria que não falávamos espanhol no Brasil, e que por isso para o Raul seria uma dificuldade a mais, conseguimos matriculá-lo no programa normal. Esta é outra questão interessante – a classificação dos Brasileiros nos Estados Unidos. Tive a oportunidade durante o estágio de pós-doutorado de receber o material do Censo dos EUA de 2010 pelo correio e depois receber a visita de um recenseador em minha casa. De fato, é muito complicado nos encaixar nas categorias raciais descritas pelo Censo, pois não existe algo como Latino não Hispânico. A solução encontrada em conjunto com o recenseador foi de colocar Branco-Outras Raças (!!) e escrever Brasileiro. Vale a ressalva que passado um ano todos voltamos ao Brasil falando muito mais espanhol do que inicialmente, pois para conversarmos no dia a dia com as pessoas na rua o espanhol era a língua mais falada.

Resolvida a escola do Raul colocamos a Joana em uma creche de quatro russas, um quarteirão

de casa, afinal tudo precisaria ser pertinho. Desconfiamos que além do inglês ela entende trechos de russo! Já o Gabriel como iria ao High School, poderia escolher uma em qualquer lugar. Depois de longamente estudar o catalogo (!) ele escolheu uma escola com ênfase em Ciências Marinhas. Nesta escola, publica, ele teve aulas de mergulho, saiu com a carteirinha internacional de mergulho e foi com a escola mergulhar nas Bahamas, e teve aula de Arrais e de robótica. Um sistema impressionante e ele soube aproveitar bem. O diretor da escola já morou no Brasil e fala português, o que facilitou muito a nossa interação com eles.

Compramos bicicletas, estudei o mapa de ciclovias e começamos a explorar a cidade, seus bairros étnicos e como a mudança é drástica: a cada quadra se entra em outra região do globo, começo a descobrir as áreas e os cinturões. O que mais me impressionou foi o cinturão dos judeus hassídicos e ultraortodoxos que vai do Borough Park, no Brooklyn, até o Queens, vestem -se tradicionalmente e nas épocas de festa usam seus enormes chapéus de pele. Como sou de família judia, criada em São Paulo, este grupo me impressionou e me cativou pela loucura e fanatismo. Logo ao lado o cinturão hassídico, há

o bairro chinês do Brooklyn, Sunset Park, onde todos os cartazes são em chinês, com restaurantes típicos, enormes e barulhentos que acomodam famílias grandes para os padrões americanos. Mais ao sul, à beira-mar tem a Pequena Rússia, onde tudo é em russo, não há mistura. Nestes passeios

de "bicy", descubro que o mar não fica longe, e passamos a frequentar a praia dos russos (Brighton Beach) e a jantar nos restaurantes russos onde só um garçom falava inglês. Descobrimos uma Nova Iorque para além de Manhattan.



Figura 2 - Brighton Beach / Coney Island setembro 2009

Assinei o NY Times, e passei a estudá-lo diariamente, pois sabia que a conversa com o Harvey seria pautada pela crise econômico-imobiliária americana e suas conseqüências no mundo. Tinha que me manter informada para poder conversar com os americanos e explorar ao máximo o ano que me aguardava.

Começo a ir com freqüência a CUNY, mesmo ela estando vazia, pois queria me acostumar com o lugar, acertar a saída do metrô, reconhecer o ambiente. Um desses dias conheço o Neil Smith, somos vizinhos de sala, batemos um papo e combinamos uma cerveja. Uma semana depois

chega o David Harvey, entra na minha sala diz "hi" e me dá as boas vindas. Eu nervosa e ansiosa, com o coração na boca, afinal de contas o admiro e tenho muito respeito pela sua obra, digo que gostaria de me apresentar e conversar um pouco. Ele me chama para seu escritório.

Eu havia preparado uma apresentação das minhas pesquisas no Amazonas, das minhas dúvidas e do que eu havia planejado fazer ali neste ano. Pego o meu *pen-drive*, respiro fundo e vou para a sala dele. Entro e encontro uma sala cheia de livros espalhados, em cima da mesa, nas estantes, no chão e ele tentando arrumar. Ele pede para que

eu sente; sento. E ele senta. Pergunto se quer que eu mostre o que preparei e ele disse não, quer que eu conte como anda minha arrumação de casa, das crianças. Eu conto a história dos parquinhos, ele se interessa e passamos um bom tempo discutindo a questão das babás e da segregação espacial na cidade, ele me indica alguns livros para ler sobre o tema. Conto das escolas e da experiência que tive em um bairro afro-americano no qual quando conversamos com a diretora, ela fechou a porta e disse que não deveríamos por o menino naquela escola, pois era violenta. Conto da casa e do parque. Falamos da cidade. Vou relaxando e passo a contar das minhas pesquisas, do que quero pensar neste ano. Discutimos um pouco e ele sugere que eu participe dos Seminários que ele coordena, que acontecem às quartas de manhã e depois do almoço coletivo. Eu digo que penso em também assistir o curso da pós do Neil Smith, já havia pedido a ele para participar, e ele havia ficado muito contente. O David Harvey concorda e sugere que eu converse com o novo professor Vinay Gidwani e que sempre que possível participe das atividades promovidas pelo Center for Place, Culture and Politics (CPCP).

O seminário só começa em agosto, até lá fico cuidando das pendências com alunos e publicações que estava fazendo antes de sair do Brasil. Começo a me familiarizar com a biblioteca e com os diversos acessos a documentação e bibliografia que tenho pelo sistema CUNY. Vou fazendo uma revisão bibliográfica nas principais revistas de Geografia norte-americanas e nas diversas bases sobre "cidades/urbanização na Amazônia". Coletor artigos na forma digital e começo a estudá-los.

Além das atividades na CUNY, tenho já programado uma semana em Miami em outubro de 2009 e um Painel no encontro da AAG em Washington, em abril de 2010. Faço contatos e começo a escrever um artigo no meu inglês enferrujado para submeter a uma revista.

Agosto chega e o seminário começa. A estrutura do seminário é bem interessante. O David Harvey consegue uma bolsa para 10 alunos que estão finalizando o doutorado na CUNY e para alguns professores do sistema CUNY.

Aqui vale um parêntesis para descrever o sistema CUNY. A CUNY (City University of New

York) é considerada uma universidade pública, sustentada pela prefeitura, com vários *campi* pela cidade. É um sistema muito interessante pois é super inclusivo – como as mensalidades são baixas (no máximo de 5 mil dólares por ano) o corpo discente é diverso e representa bem a diversidade cosmopolita da cidade. Por onde andei e disse que estava na CUNY sempre fui recebida com reverência e sempre encontrei uma história do tipo minha mãe estudou na Hunter College; eu estudo no City College etc. No decorrer do ano, devido aos cortes orçamentários a prefeitura começou a cortar vários programas e bolsas e ameaçar aumentar as mensalidades, participei de vários debates e manifestações com os colegas do seminário. A situação trabalhista nos EUA é assustadora, pré-CLT, um exemplo: não há licença maternidade remunerada e em muitos casos não há nenhum direito a licença maternidade!!! A CUNY, considerada progressista, dá 3 meses de licença maternidade sem vencimentos! Os professores normalmente são pagos 10 meses sendo que os demais têm de batalhar por projeto e "grants". Fiquei impressionada e ao longo do ano, tive muitas oportunidades de discutir esta questão com o David Harvey, que me contou das diversas dificuldades que ele e seus colegas tiveram em Baltimore (fatos descritos no livro dele Espaço de Esperança) e com os demais colegas do seminário podendo conhecer uma realidade trabalhista assustadora.

Voltando ao seminário. Reunimo-nos, aproximadamente 25 pessoas, na sala de seminário do CPCP (Center for Place, Culture and Politics) às 10. Cada ano o seminário tem um tema. Neste ano o tema era *Radical Urbanism and the Right to the City*. Nos primeiros seis meses o David Harvey e o Peter Hitchcock escolheram os textos e duas pessoas participantes do seminário ficam responsáveis pela análise crítica dos textos. Estas duas pessoas fazem sua análise até no máximo 10:30 e depois abre-se para a discussão. Muitas vezes o David Harvey trazia palestrantes para uma fala na terça de noite e depois para participar do seminário do dia seguinte, nestes casos o seminário ficava especialmente interessante. Em mais de uma ocasião o David Harvey distribuía uma cópia de algum trabalho no prelo de um autor e depois trazia o autor para discutir o livro novo. Para

mim foi especialmente interessante os textos de Partha Chatterjee, em especial *The Politics of the Governed: Reflections on Popular Politics in Most of the World* e os capítulos de um livro que ele está escrevendo que trata das críticas que recebeu ao primeiro. Foi também interessante a visita do James Holston, discutindo seu livro sobre o Brasil - *Insurgent Citizenship: Disjunctions of democracy and modernity in Brazil*. David Harvey, sempre generoso, me convidou para jantar com os autores viabilizando a continuidade da conversa.

Neste começo entrei em uma ansiedade de coletar artigos, ler artigos, e abrir o leque de leituras. Tal qual na prateleira dos sucrilhos, a quantidade de artigos, revistas e livros me deixaram tonta e com uma ansiedade crescente: quanta coisa para ler (consumo acadêmico...). Com o decorrer do seminário e com o crescente da conversa com o Harvey, resolvi que já que estava ali para aproveitar a pessoa dele, que eu deveria era ler a obra dele, os livros que ainda não tinha lido e re-ler os demais. Fui me preparando para um debate mais aprofundado com ele, afinal foi para isso que eu estava ali, e queria aproveitar ao máximo.

Logo em julho Harvey lança um livro novo - *Cosmopolitanism and the geographies of freedom* - que começo a ler e ficar muito surpresa com a discussão que ele propõe. Livro de difícil leitura que discute a relação da política contemporânea com o surgimento e o ensino de geografia. Volta à discussão em Kant e os limites de seus escritos sobre Geografia e Antropologia e chega a Jared Diamond e a nova biogeografia com uma crítica dura e certeira. Comento o livro com os colegas, que ainda não tinham lido, e com o próprio Harvey. Alguns colegas demonstram surpresa no meu gosto, pois me contam que o Harvey demorou quase cinco anos para escrever e que ele mesmo não gostou muito do livro. Fico surpresa, e fico pensando por que tinha gostado do livro. Comento com o próprio autor que havia lido o seu livro novo e que havia gostado e ele retruca dizendo que não está satisfeito com o resultado. Eu crio coragem e digo porque gostei, principalmente pelo fato de ser um livro não conclusivo. Começamos então um longo debate sobre a sua obra. Vou lendo e re-lendo os livros dele e discutindo com ele. Na

re-leitura do *Social Justice and the City* e em uma conversa informal, no bar tomando uma *Guinness*, digo para ele como é interessante ler um livro que ele escreveu há quase 40 anos e conversar com ele sobre o livro - afinal ele é outro homem e mudou radicalmente a maneira de escrever, porém muitos temas esboçados no *Social Justice* vão sendo elaborados nos livros seguintes.

O debate-conversa estendeu até o final de minha estadia. No percurso chego a uma formulação sobre a obra do Harvey. Existem dois tipos de escritos. Um primeiro é uma análise de conjuntura em geografia econômica no qual ele entra nos temas e análises de conjuntura geográfica, tais como globalização, o novo imperialismo, a condição pós-moderna. Seus livros que dão audiência, programa na BBC. O outro é um Harvey da transformação social, é sua busca teórica por pensar e entender as possibilidades de mudança social radical. Entra em temas delicados para a teoria social tais como a espécie humana e possibilidades de mudá-la. Esta é uma parte de sua obra mais audaciosa e criativa (veja Edília, posfácio do *Espaços de Esperança*). Estas partes estão espalhadas em vários livros capítulos no *Nature, Justice and the Geography of Difference*, no *Espaços de Esperança* e no *Cosmopolitanism*. Se concretizam na proposta do Direito à Cidade, como o direito que temos de modificar a nós mesmos transformando a cidade, e mais recentemente no *co-revolutionary theory*. Brinco com ele que esta é minha encomenda para um próximo livro, só sobre este tema.

Gosto muito do *Espaço de Esperança*, especialmente a parte 4 e o posfácio Edília. Digo isso a ele e conto que foi por causa deste livro que resolvi fazer o pós-doutorado com ele. Ele me conta que quando ele escreveu Edília e inseriu no posfácio o editor não queria deixá-lo publicar, afinal era "muita viagem". Mas ele insistiu. Ele me conta que o público anglo-saxônico não leu e ninguém comenta, mas relata uma vez no Chile foi fazer um campo com alguns estudantes da Universidade e um deles pediu para ele assinar o livro dele - Harvey aceitou e o rapaz veio com uma cópia xerox do *Espaços de Esperança*, e em seguida os 35 alunos que estavam no ônibus vieram com a cópia para ele assinar. Ele achou a maior graça

dos estudantes escolherem este livro e chamarem de "meu livro" um xerox encadernado, e comentou como na América Latina este livro tem ecos mais interessantes que no público anglo-saxão.

Uma das minhas tarefas, propostas pelo Harvey, seria a de preparar um texto para apresentar no Seminário. Esta seria a segunda parte do Seminário que aconteceria de fevereiro a maio, na qual os participantes teriam a oportunidade de apresentar textos seus para análise e crítica do grupo. A data para a apresentação do meu fora definido para março. Comecei a pensar no que apresentaria, pois queria algo novo que refletisse as questões teóricas que haviam delimitado o pós-doc.

Em novembro começamos a sentir o inverno se aproximando. Dias cada vez mais curtos e o frio começando a esgotar nossas roupas. Fomos a *Goodwill*, loja da Legião da Boa Vontade, que vende roupas usadas a bom preço, voltaríamos a Manaus e a idéia de uma meia é quase absurda imagine de um casaco de neve! Abastecemos os guarda-roupas e nos preparamos para o Thanksgiving, aquela festa que agradecem aos índios a sobrevivência dos pioneiros que só possível, pois os "native americans" dão um peru para eles. Ceiam peru. Com o Thanksgiving a noite chega às 16:00 e já é breu às 16:30. Mais que o frio, a adaptação ao dia mais curto atrapalha a cabeça da família. Jantamos às seis da tarde e quando é oito da noite estamos dormindo, hibernamos. Nesta mesma época é aberta a temporada de patinação no gelo nos parques da cidade. Convenço meus meninos a irmos patinar e adoramos. Resolvo comprar patins e patinar todos os dias na primeira hora da manhã, para refrescar a cabeça, sair de casa no inverno de -15 e criar fôlego para as longas horas de leitura. No parque próximo a nossa casa tem um rинque ao ar livre, passo a frequentá-lo do horário das 8:30 da manhã, horário dos adultos, antes da chegada da escola. Descubro uma comunidade, em grande parte de mulheres, que vem patinar todos os dias no mesmo horário. Começo a me inserir e conhecer as pessoas que tem este hábito há décadas. Conheço uma senhora ucraniana de 83 anos que vai todos os dias e não se solta do corrimão de segurança, pois sabe que não pode cair, conheço diversos nova-iorquinos do

bairro e ganhou um técnico – um senhor russo, que "morou" 30 anos na Sibéria, que decide me ensinar a patinar direito (como pode imaginar eu não sabia patinar..). O nosso primeiro encontro foi marcante pois quando nos apresentamos ele vinha da Sibéria e eu do Amazonas, passamos uns bons segundos nos olhando e cada um imaginando que a diferença não poderia ser mais drástica! Nos dias mais frios, quando passamos três semanas com temperaturas entre -7 e -15 a pista ficou vazia, só íamos 3 – 5 pessoas, e foi nestas patinadas, dando voltas e voltas na pista, que resolvi o artigo que iria escrever.



Figura 4 - Neve e bicicletas.

Refleti que deveria escrever a partir das questões formuladas no próprio seminário e da obra do Harvey que estava estudando. Criar um debate que partisse de uma base bibliográfica comum e inserisse nesta discussão as pesquisas no Amazonas. Começo a escrever. Em fevereiro tenho um artigo pronto, uma primeira versão que passo aos amigos, cuido do inglês e me preparo para submetê-lo ao grupo.

Enquanto não chega minha vez, fico responsável por duas apresentações. Preparo e apresento o texto dos colegas. Essa atividade foi interessantíssima, pois permitiu o conhecimento mais detalhado do que os demais estavam escrevendo. Neste mesmo período começamos a formar um grupo e discutir mais a fundo a obra do Harvey e as questões relacionadas ao tema do Radical Urbanism e ao Direito à Cidade.

Neste segundo semestre o Harvey oferece sua disciplina "Capital", que é uma discussão com leitura do Capital de Marx que ele faz há mais de 40 anos. Peço a ele para assistir, ele acha desnecessário, mas deixa. As aulas foram gravadas e está disponível no site dele e neste mesmo período ele lança o livro que são as aulas. O curso acontece as segundas no final da tarde e após as aulas começamos, eu, ele e uma colega de pós-doc do Canadá a ir jantar e terminar a noite discutindo Marx, política econômica, geografia. Foi mais um momento interessante e importante durante o estágio de pós-doutorado, pois permitiu um tempo a mais e sedimentou a relação intelectual entre nós.

Chega o dia de apresentar meu artigo. Havia enviado a todos uma semana antes e duas colegas da antropologia ficaram responsáveis por discutí-lo. Fico ansiosa, mais agitada que na véspera de defesa de doutorado, mando *e-mail* para o Aldemir, peço conselhos, afinal é o ápice da minha temporada nova-iorquina e ponho à prova minha leitura de Harvey para ele e para o grupo. Poderia ser um desastre. Para minha surpresa o debate flui muito facilmente e o próprio Harvey manifesta o quanto ele gostou do trabalho e o quanto gosta do que estamos fazendo no Amazonas. Fico extremamente contente e orgulhosa. Ao final da discussão o Harvey me dá de presente o seu novo livro *Enigma of Capital* que ainda não fora lançado.

Fico ainda mais contente, corro para o *e-mail* e mando uma mensagem para o Aldemir, que fica de Manaus me apoiando.

O seminário oficialmente se encerra no meio de maio, mas como estamos todos ainda muito animados resolvemos manter mais um turno de discussão em torno desta vez no livro novo do Harvey. Fico responsável com mais dois colegas de organizar a continuidade. A princípio o Harvey não participaria, mas ele vem dar uma espiada logo na segunda vez que nos reunimos e estamos discutindo seu livro e ele se anima e passa a participar ativamente de todas as reuniões propondo temas, trazendo convidados e a continuidade do seminário fica interessantíssima, pois cria um debate sobre a obra com o autor. Continuamos a sair para almoçar juntos, desta vez cada um de nós sugere um restaurante por perto e depois vamos tomar um café. O grupo se consolida e começamos a pensar em alternativas de manter o diálogo. Resolvemos estudar a possibilidade de manter o debate através da leitura de nossos próprios artigos, e quicá nos reunir em maio de 2011 no CPCP com o Harvey para darmos continuidade ao debate.

Neste ano e a partir deste debate começo a formular um entendimento próprio sobre a obra do Harvey, brevemente elaborada acima, e exponho a ele que acha interessante e sugere que eu escreva. Trago comigo esta tarefa. Assim que conseguir esboçar algo mais concreto, que acho que será só depois das aulas da UFAM, te envio para discutirmos.

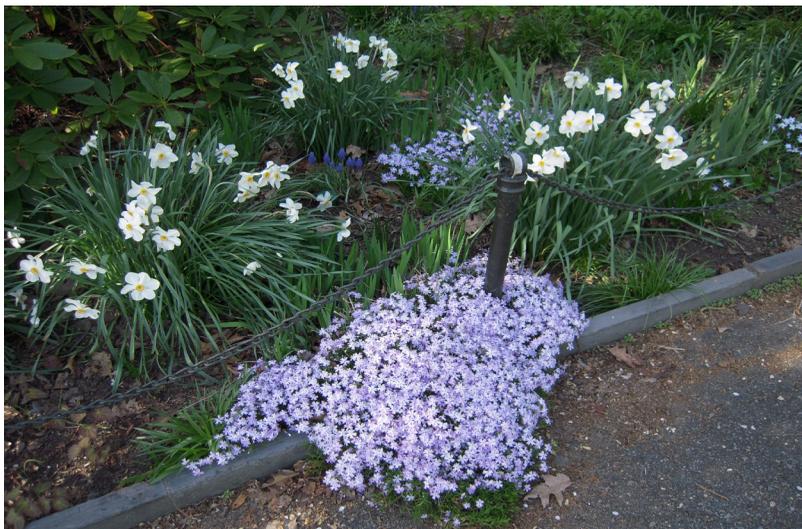
Ando com saudades tuas,
um forte abraço, tatiana.



Figura 5 - O último dia de seminário 2010.

Notas.

1. Texto apresentado no Workshop de 15 anos do NEPECAB, 15-18 de dezembro 2010, UFAM, Manaus, Amazonas. Agradeço os comentários dos colegas.
2. Bolsa de Pós-Doutorado recebida pelo CNPq, processo número 201802/2008-2, no período de junho 2009 a julho de 2010.



Ah, esqueci de te contar
como é bonita a primavera....